

Coreografias de participação – Tipologias e potencialidades dos programas de jovens em cinco instituições culturais da grande Lisboa

Carolina Silva¹

Choreographies of participation - Typologies and potentialities of youth programmes in five cultural institutions in Greater Lisbon

Introdução

As iniciativas educativas disponíveis para jovens em museus podem ser agrupadas em duas grandes modalidades – uma que os vê enquanto alunos que visitam o museu integrados num grupo escolar; e outra que os considera como público autónomo, com interesses e motivações específicos (Allard, 1993). Este artigo centra-se na segunda modalidade, a participação independente dos jovens, com idades entre os 15 e os 25 anos, em museus, em particular museus de arte contemporânea, assim como nas diferentes estratégias e tipologias de atividades que estas instituições desenvolveram para os atrair. Embora o enfoque esteja no contexto museológico português, com um recorte específico centrado em cinco instituições culturais da área da grande Lisboa, importa, num primeiro momento, entender o fenómeno de aproximação dos museus aos jovens no panorama internacional. Nesse sentido, destaca-se o trabalho realizado nos museus da América do Norte e Reino Unido onde esta aproximação foi precursora, com um trajeto iniciado na década de 1970 nos museus de ciência (Shelnut, 1994) e aprofundado na década de 1990 pelos museus de arte (Linzer, 2014), afirmando-se, hoje em dia, como uma prática estabelecida.

Ao mapear o papel e lugar dos jovens nos museus entre 1975 e 1995, nomeadamente nos Estados Unidos da América e no Canadá, Tamara Lemerise (1995, 1999) identificou três fases-chave – fase pioneira (1979-1983), de reforços (1986-87) e de expansão (1990-95). O desenho desta genealogia baseou-se na análise de registos escritos, incluindo artigos, relatórios e atas de conferências, e teve como objetivo mapear a história da relação dos museus com os jovens. A primeira fase inclui principalmente dois estudos pioneiros sobre as atitudes dos jovens em relação aos museus, desenvolvidos em resposta à dificuldade em envolvê-los na vida destas instituições.² Durante o período de reforços, e apesar de algumas exceções, Lemerise enfatiza o investimento dos museus em melhorar a sua colaboração com as escolas secundárias e os professores. Por fim, na fase de expansão, a relação dos museus com os jovens, nomeadamente fora do contexto escolar, assume um papel central nos seus programas educativos. Este breve

¹ Carolina Silva, Investigadora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2060-2693>
e-mail: carolina.silva@ics.ulisboa.pt

² *Teenagers and Museums* (O'Donnell, 1979), and *Teenagers' attitudes about art museums* (Andrews & Asia, 1979).

retrato mostra um movimento gradual de aproximação aos jovens como participantes independentes.

Também no Reino Unido, onde o primeiro programa piloto para jovens foi desenvolvido no fim da década de 1980, houve uma confluência entre estudos prospetivos sobre as atitudes e relação dos jovens com os museus, o desenvolvimento de políticas culturais e a implementação de programas direcionados a este grupo etário (Silva, 2021). A aproximação dos museus aos jovens traduziu-se em novas tipologias de programação, muitas vezes codesenvolvidas com os próprios participantes, adaptadas às suas características psicossociais e às suas motivações, nomeadamente o interesse em trabalhar com e para os seus pares; em colaborar com artistas e outros profissionais do sector criativo; e em ter um acesso privilegiado aos bastidores dos museus (Arias e Gray, 2007; Horlock, 2000; Pitman e Hirzy, 2004). Na primeira parte do artigo será feita a caracterização de três tipologias de programação para jovens – pontual, curta-duração e longa-duração, definidas com base na análise dos programas educativos de treze museus de arte contemporânea internacionais (Silva, 2017). Esta sistematização pretende alicerçar a hipótese de que a oferta cultural para este grupo etário segue um princípio de inter-relação, ou seja, são criados para e com os jovens diferentes momentos, modalidades e níveis de acesso aos museus.

Considerando o contexto português, a relação dos museus com os jovens, tendo como base a oferta de programação educativa que lhes é especificamente direcionada, é um fenómeno mais recente. Embora tenham existido ao longo do tempo iniciativas pontuais dedicadas aos jovens, só na segunda década dos anos 2000 se começa a assistir a uma viragem consciente para este segmento de público. Exemplo disso são os programas *FAZ 15-25* promovido pela Fundação Arpad-Szenes Vieira da Silva, em 2014, e *Pedimos desculpa pelo incómodo causado*, atualmente designado por *Entrar*, desenvolvido na Culturgest, com início em 2016. Inspirados nos programas de jovens dos museus ingleses e norte americanos, ambos tiveram como principal objetivo testar novas formas de participação em que os jovens são interlocutores privilegiados na programação que lhes é dirigida (Carvalho, 2017; Hortas e Hortas, 2016). A adesão que estas iniciativas tiveram é reveladora da vontade e interesse dos jovens em estarem ativamente envolvidos nos museus e em explorarem as potencialidades destas instituições como espaços de encontro, partilha e aprendizagem.

Nos últimos anos o investimento dos museus portugueses nos jovens tem sido crescente, uma realidade que fundamentou o desenvolvimento do projeto de investigação *Youth in Museums*.³ Tendo como estudo de caso o programa de jovens do Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), o projeto considera o território único em que o museu se situa, o eixo de Belém, Alcântara, Ajuda e Almada, e expande o mapeamento dos programas de jovens a outras quatro instituições que nele atuam (Silva, 2022). Estas incluem a BoCA – Biennial of Contemporary Art, a Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, as Galerias Municipais e o LU.CA – Teatro Luís de Camões. A identidade de cada uma é expressa tanto na sua oferta cultural como nos projetos educativos que desenvolvem, nomeadamente com jovens. Existem,

³ Desenvolvido no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa), o projeto tem como objetivo investigar de que forma é que os programas educativos e de formação profissional para jovens em museus de arte contemporânea, em particular no contexto português, criam oportunidades de desenvolvimento pessoal, social e profissional para os seus participantes.

no entanto, elementos de proximidade, que permitiram identificar três tipologias na programação de jovens destas cinco instituições – curta duração, longa duração e profissionalizantes, tendo como eixo de análise os seus objetivos e estratégias. As mesmas são descritas na segunda parte do artigo e sustentam a proposta de uma abordagem interinstitucional à programação para e com jovens.

Tipologias de programação – Temporalidades, objetivos e estratégias de participação

A viragem dos museus para os jovens surge aliada ao entendimento de que a programação existente no âmbito dos programas educativos não respondia especificamente aos seus interesses e necessidades. Assim sendo, no impulso de chegar a este segmento de público foram testadas novas formas de programação. Em 1998, Maria Xanthoudaki realizou um estudo, comissariado pelo Victoria and Albert Museum, sobre a oferta educativa, fora do âmbito escolar, para jovens em museus de arte na Europa e na América do Norte. Um dos objetivos deste trabalho foi o de sistematizar as metodologias educativas desenvolvidas em diferentes instituições e analisar o alcance dos seus programas para jovens. Centrado primordialmente em museus de arte, foram identificadas cinco tipologias de programação: atividades iniciais de acesso, visitas pontuais, projetos educativos de curta duração, projetos de extensão e formação de longa duração.

O primeiro tipo de atividades inclui iniciativas de extensão (*outreach*), informadas por estratégias de marketing, e desenvolvidas por jovens e para jovens com o objetivo de os sensibilizar para os museus e as suas coleções. O segundo tipo, visitas pontuais, é dirigido a participantes que visitam o museu de forma pontual, com o intuito de aumentar a sua confiança na instituição através de, por exemplo, a dinamização de oficinas ou exposições de trabalhos de outros jovens. As restantes tipologias de programação implicam um compromisso mais continuado e aprofundado entre ambas as partes, jovens e museus. Por exemplo, os projetos educativos de curta duração permitem aos jovens planear e codesenvolver projetos com artistas e profissionais dos museus. Por seu lado, os projetos de extensão incluem o trabalho realizado maioritariamente fora de portas numa tentativa de estabelecer um diálogo mais próximo com as práticas culturais dos jovens.

No que respeita à formação de longa duração, esta tem por base um objetivo mais ambicioso, o de dar aos jovens participantes competências específicas que melhorem as suas perspetivas de trabalho, nomeadamente no sector cultural. Incluem-se nesta categoria diferentes formatos, desde voluntariado a programas de estágio, que revelam a importância da dimensão profissionalizante na programação para jovens. Passados quase vinte anos desde este estudo, e apesar das atividades em oferta para jovens terem aumentado nos museus, as suas tipologias não mudaram significativamente. Esta conclusão mostrou-se evidente na análise que realizei, em 2016, da programação para jovens em treze museus internacionais de arte contemporânea (Silva, 2017).⁴ Tendo como base a informação disponível nas páginas *web* destas

⁴ A análise incluiu o Whitney Museum of American Art, Walker Art Center, Andy Warhol Museum, Los Angeles Museum of Contemporary Art, Museum of Modern Art (MoMA), New Museum, Tate, Whitechapel Gallery, South London Gallery, Photographers Gallery, Reina Sofia Museum, Stedelijk Museum e o Museum of Contemporary Art Australia (MCA). A escolha destes museus foi baseada na literatura existente sobre o trabalho que desenvolvem com jovens e com a densidade da informação

instituições e a literatura existente sobre os seus programas de jovens, foi possível agrupar as iniciativas existentes em três tipologias: pontuais, de curta duração e de longa duração, tendo como eixo de sistematização a sua temporalidade, objetivos e estratégias.

A primeira tipologia inclui eventos temáticos, normalmente organizados por e para jovens, com duração entre uma hora a um dia. O objetivo é introduzir o museu ao futuro público jovem através de iniciativas que se aproximam das suas práticas socioculturais habituais. Incluem-se, por exemplo, concertos, festivais, *late nights* ou visitas guiadas de e para jovens. A estratégia passa por atrair um grande número de jovens para eventos públicos, servindo estes muitas vezes como primeiro momento de acesso ao museu e possível ponto de viragem na sua relação com a instituição. A segunda tipologia identificada inclui atividades de curta duração, com extensão de um dia a um mês. Têm como objetivo introduzir artistas, técnicas artísticas e ou temáticas da arte contemporânea que integram a programação dos museus e convocam os jovens para uma participação prática, muitas vezes envolvendo a colaboração com artistas. São exemplo oficinas criativas, *masterclasses* ou ateliers abertos (*open studio*).

Uma subcategoria desta tipologia de programação, cuja oferta tem crescido significativamente nos últimos anos, são os programas de curta duração centrados na introdução a percursos profissionais no sector cultural. Estas iniciativas incidem em visitas aos bastidores das instituições e na apresentação da sua organização e funcionamento. A terceira tipologia abrange programas de longa duração, cuja extensão pode ir de três meses a um ano, e têm como objetivo envolver os jovens de forma continuada e mais aprofundada. É possível identificar duas subcategorias nesta tipologia: programas colaborativos, como coletivos ou grupos consultivos de jovens, e programas profissionalizantes, que incluem estágios. Uma característica distintiva destas iniciativas é que a participação dos jovens pode ser remunerada, reconhecendo-se nesse princípio a importância do seu trabalho e contributo para a instituição.

Uma das conclusões desta análise, igualmente expressa no estudo *Room to rise: The lasting impact of intensive teen programs in art museums* (Linzer e Munley, 2016), é a crescente inter-relação da programação para jovens em museus de arte contemporânea. Contrariamente à oferta fragmentada e pontual identificada por Lemerise (1995, 1999) e Xanthoudaki (1998), existe hoje uma visão transversal e autónoma da programação para jovens nos museus. Linzer e Munley chamam-lhe programação por etapas (*tier-based programmes*) e tem por base um princípio de continuidade, embora não necessariamente de linearidade. Isto significa que os jovens têm diferentes formas de aceder aos museus, com temporalidades e objetivos distintos, e que o podem fazer ao seu ritmo, em articulação com os seus percursos pessoais, académicos e ou profissionais. O compromisso com esta abordagem revela tanto um entendimento das características e interesses específicos dos jovens, como dos benefícios de um investimento pensado a longo prazo, que os reconhece como o público do futuro.

Eixo B.AL.A – Cinco instituições, múltiplos sentidos de participação

Estabelecida no âmbito do projeto de investigação *Youth in Museums*, a parceria informal entre o MAAT, a BoCA, a Casa da Cerca, as Galerias Municipais e o LU.CA sustenta-se na proximidade geográfica destas cinco instituições culturais e no trabalho que cada uma

desenvolve com o público jovem. O território partilhado estende-se ao eixo de Belém, Alcântara, Almada e Ajuda, designado pelo grupo de trabalho por eixo B.AL.A. Este recorte tem por base a problematização da importância de conhecer o território na programação cultural para e com jovens, privilegiando um princípio de proximidade. Numa fase inicial, foi feito o mapeamento dos programas de jovens de cada uma destas instituições, a partir da informação disponível *online* – páginas *web* e redes sociais, de entrevistas aos interlocutores que coordenam os mesmos e dos encontros do eixo B.AL.A.⁵ Considerando como critérios de análise a sua temporalidade, objetivos e estratégias, à semelhança do estudo que realizei no âmbito internacional, foram identificadas três tipologias de programação: curta duração, longa duração e profissionalizantes. Neste sentido, embora a identidade da programação para jovens de cada instituição seja distinta, existem elementos comuns que permitem problematizar uma participação articulada.

Fazer para conhecer

São quatro os programas que se enquadram na primeira tipologia: *Herbário Criativo* (Casa da Cerca, 2009-); *Laboratório Artístico* (MAAT, 2014- 2019); *Manifesta-te* (LU.CA, 2019 e 2021); e *Uma obra a quatro mãos* (Galerias Municipais, 2021). Iniciativas de curta-duração, com extensões variáveis entre três dias e um mês, privilegiam a prática artística, colaborativa e experimental, no trabalho desenvolvido com os jovens. Com início em 2009, o *Herbário Criativo* é, de todos, o projeto que existe há mais tempo e, embora não tenha sido inicialmente pensado para jovens, a sua participação surgiu de forma gradual, à medida que os participantes atingiam a idade limite e expressavam a sua vontade em continuar envolvidos. Pensado como uma residência artística, acontece todos os verões durante um mês, com uma semana dedicada a cada grupo etário. O programa é definido a partir das exposições temporárias da Casa da Cerca e do seu jardim botânico, O Chão das Artes, e procura estabelecer, através de diferentes exercícios criativos, cruzamentos entre o desenho e a botânica, a arte e a ciência (Rainha Campos e Moreira, 2022). Em 2021, no âmbito da parceria com o projeto *Youth in Museums*, um grupo de jovens, entre os 15 e os 19 anos, foi convidado a codesenvolver, em diálogo com a equipa educativa da Casa da Cerca, o programa do *Herbário Criativo* que lhes era dirigido, uma estratégia conducente a uma participação mais consciente e crítica.

Direcionado especificamente para o público jovem, entre os 16 e os 22 anos, o *Laboratório Artístico* do MAAT foi criado em 2014. Inspirado igualmente no modelo de residência artística, aconteceu todos os verões, ao longo de duas a três semanas, até 2019. O programa apresenta aos participantes uma proposta aberta de trabalho interdisciplinar, experimental e imersivo que pretende evidenciar os processos de exploração do universo pessoal de cada participante e da sua relação com o espaço, o tempo, a sociedade, o museu e a arte contemporânea. As sessões do Laboratório são planeadas e desenvolvidas pela equipa de mediadores do museu e por artistas convidados. A colaboração com artistas e outros profissionais do sector criativo é um ponto central e comum a muitos programas de jovens em museus e outras instituições culturais. Exemplo disso são as oficinas *Manifesta-te* (2019) e

⁵ Este mapeamento permitiu identificar as questões que foram posteriormente discutidas no “Laboratório de Escuta – Jovens, Cultura, Participação”, um fórum consultivo para jovens entre os 15 e os 25 anos, realizado entre Junho de 2021 e Abril de 2022.

Manifesta-te: Fanzine #DIY (2021) do LU.CA, coordenadas pela realizadora Leonor Bettencourt Loureiro e desenvolvidas em parceria com vários convidados de diferentes áreas, nomeadamente da música, cinema, televisão e ilustração.

O mote das oficinas está expresso no seu título – manifesto, e reconhece a importância de os jovens darem voz às suas visões do mundo, atual e futuro. Neste espaço criativo cruzaram-se novas tecnologias com técnicas DIY (*do it yourself*), duas linguagens aparentemente distantes, mas próximas das culturas juvenis. Assente também num princípio multidisciplinar, o programa *Uma peça a quatro mãos* das Galerias Municipais convidou jovens, entre os 10 e os 18 anos, e artistas para uma colaboração à escala de um para um. Dezasseis artistas, selecionados pela equipa de mediação das Galerias com base nos interesses de cada participante, e dezassete jovens, formaram duplas criativas que desenvolveram ao longo de duas semanas um projeto conjunto. Considerando desde o início as contingências impostas pela pandemia, os encontros aconteceram online e o trabalho foi realizado individualmente em casa dos participantes. O equilíbrio entre distância (física) e proximidade (artística) propiciou um contexto único de colaboração. Todos os projetos descritos encetam novas temporalidades de participação e aprendizagem, atuando potencialmente como pontos de acesso dos jovens às instituições culturais que os acolhem.

Corrida de fundo

Na segunda tipologia identificada – programas de longa duração, que acontecem durante três meses a um ano, é possível incluir quatro exemplos: *BoCA Sub-21*, *Coletivo de Curadores* (Casa da Cerca e Culturgest), *LABOR* (LU.CA) e *Verdes Anos* (Galerias Municipais). O *BoCA Sub-21* é um projeto educativo e experimental, destinado a jovens entre os 16 e os 21 anos, que surge na primeira edição da bienal de arte contemporânea BoCA em 2017 e acontece desde então, durante três meses, a cada edição. Através de dinâmicas de criação coletivas e individuais, os participantes desenvolvem projetos transdisciplinares que cruzam as áreas das artes visuais, artes cénicas, performance, música, entre outras. Define-se como um espaço de encontro, aprendizagem e partilha em que o gesto criativo se alia ao pensamento crítico. O trabalho colaborativo, realizado com e para os pares, é outra característica distintiva dos programas para jovens. Exemplo disso é o *Coletivo de Curadores* (2020-21), um projeto participativo da Culturgest que na sua segunda edição foi desenvolvido em parceria com a Casa da Cerca e dirigido ao público jovem, entre os 16 e os 19 anos.

Ao longo de nove meses um grupo de dezassete jovens de Lisboa e Almada trabalhou, em conjunto com as equipas educativas das duas instituições, uma curadora e outros especialistas convidados, na criação de uma exposição com obras da Coleção da Caixa Geral de Depósitos. Mais do que o resultado final, a exposição *Coreografia da atenção*, apresentada no Museu de Almada – Casa da Cidade (Junho-Outubro, 2021), o projeto valoriza o “processo de formação [dos jovens], não apenas em arte contemporânea e curadoria, mas em práticas de participação, de emancipação e de cidadania” (*Coreografia da Atenção*, para 2).⁶ É também entre processos e resultados que se definem os projetos *LABOR* e *Verdes Anos*, desenvolvidos respetivamente pelo LU.CA e Galerias Municipais no âmbito do programa *Descola* da EGEAC. Embora realizados em contexto escolar, a participação dos jovens não é limitada ao espaço da escola nem ao

⁶ <https://www.culturgest.pt/pt/media/coletivo-de-curadores-coreografia-da-atencao/>

enquadramento da turma. Incluem-se nesta análise por serem projetos de continuidade, com enfoque no trabalho colaborativo entre artistas e jovens.

Pensado como um laboratório de teatro, o *LABOR* (2018-19, 2019-20) juntou escolas – jovens e professores do 3º ciclo e secundário, a artistas, dramaturgos e cenógrafos no desenvolvimento de um projeto de criação artística contemporânea no domínio das artes performativas. Um texto, um kit de cenografia e quatro duplas artista-escola em cada edição foram o ponto de partida para desconstruir formas de representar e pensar o mundo. Com início também em 2018, o projeto *Verdes Anos* (2018-19, 2019-20, 2020-21) segue uma matriz semelhante. A cada edição um artista em residência numa escola secundária desenvolve um projeto colaborativo caracterizado pela transversalidade, tanto disciplinar, como de idades ou níveis de ensino dos participantes. Num gesto igualmente criativo e disruptivo, a relação continuada entre artistas e a comunidade escolar define um espaço paralelo e complementar ao da educação formal.

Profissionalizar-te

A terceira e última tipologia identificada, considera programas profissionalizantes, em que a participação dos jovens é expandida a um enquadramento específico de formação. Incluem-se nesta análise dois exemplos: o *Programa de Estágios do MAAT* e o *Mutantes – Entre o teatro e o museu* promovido pela BoCA. Atualmente na sua trigésima segunda edição, o Programa de Estágios é desenvolvido pelo MAAT, em parceria com a Fundação da Juventude, desde 2007. Destinado a jovens, com idades entre os 18 e os 25 anos, estudantes do ensino superior, tem como principal objetivo proporcionar “uma experiência de aprendizagem e aprofundamento dos seus conhecimentos através do contacto com um público não especialista em contexto real de funcionamento do MAAT” (Programa de Estágios, para. 1).⁷ Na seleção dos candidatos são privilegiadas duas grandes áreas de formação – Ciências e Artes, alinhadas com a programação do museu. O estágio desenrola-se ao longo de seis meses, antecidos de uma formação de três semanas orientada pela equipa do MAAT, assumindo os jovens a função de mediadores.⁸

Operando num registo mais informal, o *Mutantes* teve a sua primeira edição entre março e junho de 2022. Define-se como “um projeto nacional e transdisciplinar de formação e criação de novos paradigmas artísticos para jovens entre os 18 e 28 anos, com formação diversificada e vindos de diferentes áreas” (MUTANTES, para. 1).⁹ Este projeto surge, em parte, da vontade manifestada pelos participantes do BoCA Sub-21 em continuarem envolvidos com a BoCA e a ter acesso aos espaços, artistas e práticas contemporâneas que esta plataforma lhes oferece. Em linha com a programação interdisciplinar da bienal e a sua existência nómada, que a cada edição ocupa diferentes espaços culturais da grande Lisboa, e também de outras cidades do país, o *Mutantes* coexistiu em diálogo com seis instituições – Casa da Cerca, Culturgest, MAAT, Museu Berardo, Teatro do Bairro Alto e Teatro Nacional Dona Maria II. A formação em contexto institucional, a criação de redes profissionais entre pares ou o acesso aos bastidores e às

⁷ <https://www.fjuventude.pt/pt/projetos/em-parceria/32-programa-de-estagios-maat>

⁸ Os participantes com melhor classificação podem candidatar-se a uma segunda edição, perfazendo o total de um ano de estágio.

⁹ <https://bocabienal.org/mutantes/>

possibilidades de trabalho no setor criativo e cultural são características centrais, partilhadas por estes dois exemplos.

Coreografias de participação

A viragem dos museus para o público jovem surge depois de décadas de investimento em outros segmentos, nomeadamente adultos e crianças. O reconhecimento de que os jovens são participantes independentes, com interesses e motivações específicos, alavancou novas tipologias de programação educativa nos museus. A coexistência de diferentes temporalidades – momentos, modos e níveis de participação, é crucial para o sucesso destas iniciativas. Configurando modalidades distintas – eventos pontuais, projetos continuados ou programas profissionalizantes, mais do que a especificidade de cada uma, interessa perceber o potencial da sua inter-relação. Pensar em jovens, ou juventudes, é muitas vezes pensar num intervalo etário. No entanto, a artificialidade desta categorização torna-se evidente no contexto dos museus, quando são os próprios jovens que contestam novos lugares de participação ao atingirem o limite de idade das iniciativas em que estão envolvidos. Esta transgressão é profícua, uma vez que desafia os museus e os seus profissionais a testarem diferentes formas de programação ou co-programação, muitas vezes pensadas em conjunto com os jovens.

Se no panorama internacional a programação por etapas é uma realidade estabelecida em muitos museus de arte contemporânea, no contexto português esse cenário é ainda inexistente. No entanto, o objetivo não deve ser o de replicar um modelo estrangeiro, mas pensar o acesso dos jovens às instituições culturais à escala das idiossincrasias de cada contexto. Com base na análise dos programas de jovens de cinco instituições na área da grande Lisboa – MAAT, BoCA, Casa da Cerca, Galerias Municipais e LU.CA, defino como hipótese a possibilidade de a programação por etapas ser pensada formalmente a nível interinstitucional. Esta movimentação já existe, quer pelas parcerias pontuais que se vão definindo entre instituições, como são exemplo o programa *Colectivo de Curadores* ou o *Mutantes*, mas também pela participação de alguns jovens em mais do que um dos projetos descritos. No entanto, a partilha de recursos, a articulação de estratégias de comunicação ou a co-programação permitem uma participação mais continuada, diversificada e, conseqüentemente, mais sustentável dos jovens.

Bibliografia

- Allard, Michel. (1993). Les adolescents et les musées. *Revue des sciences de l'éducation*, 19(4), 766-774.
- Arias, Catherine, e Gray, Denise A. (2007). Adolescents in art museum: Key considerations for successful programs. In Pat Villeneuve (Ed.), *From periphery to center. Art museum education in the 21st century* (pp. 96-102). Washington: NAEA.
- Carvalho, Patrícia. (2017). Arte, participação e instituições: O programa participativo para jovens *Pedimos desculpa pelo incómodo causado* – Culturgest. Dissertação de Mestrado (ISCTE-IUL).
- Horlock, Naomi (Ed.). (2000). *Testing the water: Young people and galleries*. Liverpool: Liverpool University Press.
- Hortas, Joana B., e Hortas, Maria João B. (2016). Museus, um lugar possível na educação não formal – a experiência do grupo FAZ 15-25. Atas do *VII Encontro do CIED – II Encontro Internacional, Estética e Arte em Educação* (333-347). Lisboa, Portugal.

- Lemerise, Tamara. (1995). The role and place of adolescents in museums: Yesterday and today. *Museum Management and Curatorship*, 14(4), 393-408.
- Lemerise, Tamara. (1999). Museums in the nineties: Have they maintained their commitment to the youth population? *Museological Review*, 6, 34-47.
- Linzer, Danielle, & Munley, Mary Ellen. (2015). *Room to rise: The lasting impact of intensive teen programs in art museums*. New York: Whitney Museum of American Art.
- Linzer, Danielle. (2014). Youth empowerment and contemporary art: Where are we now? *Journal of Museum Education*, 39(3), 236-249
- Rainha Campos, Mário, e Moreira, Sílvia. (2022). Aprendemos juntos. In *Aprendemos juntos com o Herbário Criativo* [catálogo de exposição]. Almada: Câmara Municipal de Almada.
- Pitman, Bonnie, e Hirzy, Ellen. (2004). A place of their own: Whitney Museum of American Art. In Bonnie Pitman e Ellen Hirzy (Eds.), *New forums: Art museums & Communities* (pp. 130-139). Washington: American Association of Museums.
- Shelnut, Stacey L. (1994). Long-term museum programs for youth. *Journal of Museum Education*, 19(3), 10-13.
- Silva, Carolina. (2021). O impacto das políticas culturais no desenvolvimento de programas para jovens na Tate (1989-2019). MIDAS, 13.
- Silva, Carolina. (2022). Jovens e museus – Entre investigação e prática. <https://www.patrimonio.pt/post/jovens-e-museus-entre-investigacao-e-pratica>
- Silva, Carolina (2017). *Youth forums in contemporary art museums – Mapping untimely entanglements*. (Tese de doutoramento). Goldsmiths University, Londres.